

EDUCAÇÃO

Mensalidade escolar: protestos na Paulista, no Tatuapé, na 9 de Julho...

Contra os aumentos



Em frente ao prédio da Gazeta, a manifestação dos alunos da Cásper Líbero e do Objetivo.

Sentar ou deitar no meio da rua, fazer passeata, promover reuniões dentro e fora da escola, tentar uma conversa com a direção do estabelecimento. Vale tudo para protestar contra o aumento das semestralidades escolares, que têm levado pais e alunos ao desespero. E ontem aconteceu tudo isso em São Paulo: cerca de dois mil alunos do Colégio Objetivo e da Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero fecharam a avenida Paulista durante a manhã. A avenida Celso Garcia também ficou com o trânsito paralisado por causa da manifestação dos alunos do Colégio Lavoisier, do Tatuapé. Uma comissão de alunos das Faculdades Metropolitanas Unidas, Fiam e FAM, foi até o Procon entregar uma série de reclamações contra a direção da escola, e os alunos da Fesp — Faculdades de Engenharia São Paulo — realizaram assembleia em frente ao portão da escola na avenida 9 de Julho. Em todos esses protestos, um motivo comum: aumento das semestralidades.

Carregando faixas de protesto, os alunos do Objetivo-Vergueiro reuniram-se aos da Paulista às 8 horas. Em seguida, sentaram na avenida. O trânsito ficou infernal. A polícia fechou a Paulista desde a alameda Joaquim Eugênio de Lima até a Pamplona. O tráfego só foi liberado às 12h30, quando os alunos resolveram dispersar provavelmente por causa da fome.

Em meio a muitas bricadeiras, um protesto com vários itens: o aumento das mensalidades, embora os alunos nem saibam exatamente de quanto ele foi — a falta de segurança dos prédios (segundo eles, se ocorrer um incêndio como o da Cesp, eles viram "churrasco"), a higiene dos banheiros e a repressão em excesso. Contaram que havia um inspetor filmando a manifestação e que todos os participantes "seriam identificados e expulsos da escola". Queixaram-se dos preços dos cadernos — Cz\$ 750,00 o lote de quatro — da demora na entrega dos boletins e do preço da aula de recuperação, Cz\$ 300,00.

Como se tudo não passasse de uma festa, fizeram uma "pirâmide humana", queimaram boletins e cadernos no meio da avenida.

Pego de surpresa no colégio Objetivo de Brasília, João Carlos Di Gênio, presidente da rede de escolas Objetivo, ficou preocupado com as manifestações. Mas ao chegar a São Paulo e ver a circular com as explicações sobre o aumento das semestralidades distribuída pela diretoria da escola, acalmou-se: "Pensei que pudesse haver algum engano, mas está tudo correto. Acho que tudo não passou de mal-entendido, porque a circular deveria ter sido entregue aos pais, não aos alunos. Eles não souberam entender a coisa", explicou.

Recessão

Di Gênio afirmou que até agora o Objetivo foi a escola que menos cobrou de seus alunos — "apenas 129% de aumento sobre a segunda semestralidade de 1986 — e avisou que já entrou com pedido junto ao Conselho Estadual de Educação para um aumento de 170% no segundo semestre. Na circular entregue aos alunos a diretoria da escola avisa que "a correção da semes-

tralidade terá, como referencial padrão, o índice de 70% do reajuste e correção salarial do pessoal docente e técnico-administrativo, decorrente de convenção, acordo, dissídio coletivo ou sentença judicial, incluídos os gatilhos salariais". Isso fez com que a semestralidade que era de Cz\$ 7.041,87 para o 3º ano do colégio, por exemplo, subisse para Cz\$ 11.971,17. Como os alunos já haviam pago Cz\$ 6.150,74 sobraram Cz\$ 5.820,43. Este total foi dividido em duas parcelas a serem pagas uma até hoje e outra até 10 de julho.

"Parece que eles não entendem bem e pensaram que os Cz\$ 5.820,43 fossem a mensalidade a ser paga. Mas tudo ficará acertado porque vamos mandar a circular aos pais, que saberão entender nossos cálculos", disse Di Gênio, explicando que a escola reajustou a maioria de seus professores em 100%, sendo que alguns receberam até 140% de aumento, "o que faz com que eles sejam os professores mais bem pagos de São Paulo". Di Gênio disse que acha bom que a população aprenda a reclamar contra os aumentos. Mas com as "pessoas certas, não comigo, que estou dentro da lei. Entramos em plena recessão e os pais, que na euforia do Cruzado colocaram seus filhos na escola particular, terão que tirá-los agora". O que acontecerá também com cerca de 10 a 15% de alunos novos do Objetivo, segundo seus cálculos.

FMU/Fiam/Faam

Mais organizada, a comissão de alunos da FMU/Fiam/Faam tinha ontem à tarde um verdadeiro "dossiê" de todos os aumentos ocorridos na escola este ano, sem esquecer de anexar à documentação um boletim de ocorrência atestando que "a FMU foi uma das primeiras faculdades a burlar o Plano Cruzado".

Este é o histórico dos aumentos a partir de 1986: o valor da mensalidade após a decretação do Plano Cruzado foi estipulado em Cz\$ 838,62 "e desde essa época as FMU não respeitaram a conversão em cruzado", explicou o aluno de Psicologia Antonio Carlos Alves Araújo.

Em janeiro deste ano, a matrícula foi reajustada em 100% e a mensalidade teve um reajuste de aproximadamente 53%, passando para Cz\$ 1.279,00. "Em maio, esse valor foi reajustado em aproximadamente 60%, passando para Cz\$ 2.014,50", contam os alunos. "Como se isso não bastasse, houve ainda um reajuste de 20% referente ao gatilho salarial, elevando nossa mensalidade para 2.296,50, num total de 175% de aumento."

O pior, segundo os alunos, é que o nível de ensino não tem justificado aumentos tão exorbitantes. "Falta tudo nas faculdades, de papel higiênico a livros na biblioteca. Poderíamos até admitir que se dessem os gatilhos se o nível de ensino fosse compatível e se os

nossos professores não tivessem sofrido um imenso arrocho salarial", justificam.

Lembrando que o reajuste das FMU ultrapassou o índice referencial estipulado pelo Conselho Estadual de Educação em 147%, os alunos reclamam ainda que o preço de uma DP (dependência) passou de Cz\$ 132,00 para Cz\$ 494,00. "O aluno que tem duas DPs paga mais da metade de uma mensalidade, sendo que tem apenas uma aula por semana, e de somente 50 minutos", lembrou Cristina Giglio Sarto, que atualmente faz DP de uma das matérias do curso de Psicologia.

Os alunos denunciaram, ainda, o clima de repressão existente nas faculdades. Segundo eles, os cartazes convocando reuniões dos alunos são arrancados, os auditórios são fechados e os membros da comissão, eleitos em assembleia dos estudantes, chamados de "bandalheiros e subversivos". Inconformados com essa situação, os alunos fazem hoje um ato público na porta da escola.

Fesp

Já os dois mil alunos das Faculdades de Engenharia de São Paulo resolveram pela briga na Justiça. Ontem à noite, eles realizaram mais uma assembleia, onde reafirmou-se a continuidade do pagamento das mensalidades em juízo (em juízo, eles pagam apenas com os 35% de aumento autorizados pelo MEC, mais os 15% negociados com a escola). Ao mesmo

tempo, entraram com processo contra a faculdade junto à 3ª, 5ª e 15ª Varas da Fazenda Estadual, alegando a inconstitucionalidade da deliberação do CEE pela liberdade vigiada dos preços das escolas, "pedindo ao MEC que estabeleça ele próprio o índice de reajuste, porque liberdade vigiada é o salve-se quem puder".

Segundo Paulo Eduardo Carvalho de Almeida, do 5º ano de Engenharia, os alunos esperam ganhar a causa baseados em parecer do jurista Eli Lopes Meirelles, que diz que os atos do CEE são inconstitucionais.

Lavoisier

Os alunos do Colégio Lavoisier, do Tatuapé, também paralisaram suas atividades ontem e foram para a rua protestar. O motivo: no começo do ano letivo, ao fazerem a matrícula, assinaram um contrato com a escola em que ela se comprometia a não aumentar as mensalidades até junho. O contrato não foi respeitado, segundo os alunos, que afirmam que houve um aumento de 100%. "E haverá outro de 140% em julho", advertem. Os alunos já pediram cópia deste documento à direção da escola, que se recusa a entregá-lo e a dialogar com os alunos. Segundo eles, anteontem à noite, vários carros da polícia foram chamados pela direção da escola, quando eles começavam uma reunião no pátio.

Rita de Biagio

Mais protestos hoje, com ruas interditadas e tudo.

iniciado ontem nas sete unidades da escola espalhadas pela cidade (av. Paulista, 900; rua Carlos Vicari, 124-Pompéia; rua Gaspar Lourenço, 25-Aclimação; av. Duquesa de Goiás, 262-Morumbi; rua Luís Góes, 2.211 e rua Apeninos, 267-Vergueiro; rua Ferreira de Araújo, 809-Pinheiros).

Os alunos de sete escolas particulares de 1º e 2º graus e cursos supletivos de Osasco também garantem uma grande passeata saindo às 19h30 do largo de Osasco até o Paço Municipal da cidade, passando pelas ruas João Batista, Antonio Agu e avenida Autonomistas. As escolas participantes são estas: Fernão Dias Paes, Aplicação, Haia, Seta, Continental Padre Anchieta e Pinheiro Machado. Durante a passeata, os alunos distribuirão carta aberta explicando o objetivo da manifestação: não pagamento das mensalidades, aulas normais com movimento pacífico e organizado e não pagamento da defasagem estipulada pelos donos de escolas.

Quase no mesmo horário, às 19 horas, no outro lado da cidade também haverá estudantes nas ruas. São os alunos do conglomerado FMU/FIAM/FAAM — a escola possui 20 mil alunos matriculados — que realizam um ato público na avenida Liberdade, 654, em frente ao prédio da FMU-Pedagogia, saindo em passeata até a rua Tagua, 150, onde fica a presidência da instituição, para protestar contra os aumentos abusivos das semestralidades. Os alunos pretendem conversar com a diretoria da escola, que, segundo eles, tem-se recusado a falar sobre a questão.

Além disso, a UNE — União Nacional dos Estudantes — está convocando para este sábado, às 15 horas, uma reunião de entidades de escolas particulares para discutir o que fazer diante da realidade das escolas. A UNE fica na rua Vergueiro, 2.485, na vila Mariana. Também está marcado para os dias 4 e 5 de julho, em Brasília, uma reunião nacional de entidades de escolas particulares.

Porto Alegre — Muitas das 48 insinuições particulares de ensino superior do Rio Grande do Sul correm o risco de fechar suas portas por tempo indeterminado, caso não possam repassar as mensalidades dos reajustes dados aos professores e funcionários. O alerta foi feito ontem em Porto Alegre pelo presidente da Associação de Escolas Superiores de Formação de Profissionais de Educação do Estado, Norberto Rauch. A Universidade de Passo Fundo já suspendeu as aulas de seus 35 cursos devido a uma liminar ganha na Justiça pelos estudantes, impedindo a instituição de aumentar as mensalidades em 128%, permitindo apenas o reajuste de 35% concedido pelo governo federal.

As manifestações contra o aumento das semestralidades continuam hoje: os alunos do Colégio Objetivo prometem prosseguir com o protesto